

Teu pai.

Messias Guedes”

Ora, nunca jamais disséramos ao Chico que o nosso pai já estava morto, que tínhamos o apelido de Tonico e que Leonardo Baungratz era Nenê. Jerominho era o Sr. Jerônimo, ex-delegado em Lima Duarte, sogro de Leonardo, que tornou-se espírita. Era amigo de Messias Guedes de Moraes, que também tinha apelido de Nenê.

Até hoje, em Belo Horizonte, ninguém conhece Leonardo Baungratz por apelido. Por que tudo aquilo acontecera àquela noite? É que Francisco Cândido Xavier é verdadeiramente médium de extraordinárias faculdades, de valor incontestável.

Que ambiente extraordinário o daquela noite, na União Espírita Mineira, em Belo Horizonte!

Em 1952, estávamos em Pedro Leopoldo e tivemos notícias de que aquela senhora, que tanto nos empolgara aquela noite, estava ainda entre os chamados vivos da Terra.

Dos espíritas com quem F. Xavier travara relações, por correspondência quando iniciou a publicação de seus versos aqui no Rio, vivo, entre os mortais, resta o signatário deste relato.

Guardamos carinhosamente uma das cartas que o F. Xavier nos escreveu em 29 de dezembro de 1929, pedindo-me a publicação de seus trabalhos na “Gazeta de Notícias”.

Hoje, não sabemos porque, não temos mais respostas às cartas que lhe escrevemos, desde que saiu de Pedro Leopoldo.

Não importa, um dia havemos de nos encontrar.

Rio, janeiro de 1968.

Pereira Guedes (**)

(**) A. PEREIRA GUEDES – Denodado lidador da seara espírita no Brasil e jornalista veterano da imprensa carioca, residente no Rio.



20 AO MEU CARO QUINTÃO *

Quintão, eu sei da saudade
Que te aperta o coração,
Dos nossos dias passados,
Que tão distantes se vão.

Vassouras!... belas paisagens
Cheias de vida e de cor,
Um céu azul e estrelado
Cobrando uns ninhos de amor.

Árvores fartas e verdes
Pela alfombra dos caminhos,
A ermida branca e suave
De temos, doces carinhos.

O nosso amigo Moreira
E a sua barbearia,
Onde uma vez me encontraste
Na minha noite sombria.

Detalhes cariciosos
Da vida singela e calma,
Vida de encantos divinos
Que eu via com os olhos d'alma.

Meus pobres versos – “Singelos”,
“Aves implumes” da dor,

(*) “Parnaso de Além-Túmulo”, Fed. Esp. Brasileira, 8a. edição, págs. 191 e 421. E às págs. 224 e 234-5 da 10a. edição.

Que traduziam no mundo
O meu pungente amargor.

A minha pobre Carlota,
A companheira querida,
O raio de claridade
Da noite da minha vida.

Os artigos do Bezerra
De outros tempos, no "O País",
O mestre da Velha Guarda,
Unida, forte e feliz.

A tua doce amizade
À luz do Consolador,
Teu coração generoso
De amigo, irmão e mentor.

Ah! Quintão, hoje os meus olhos
Embebedam-se de luz,
Pelas estradas sublimes
Da santa paz de Jesus!

Mas não sei onde a saudade
É mais forte nos seus véus,
Se pelas sombras da Terra,
Se pelas luzes dos Céus.

Casimiro Cunha

Esta poesia singela e, por assim dizer, intimamente pessoal, foi recebida em circunstâncias imprevistas e timbra episódios velhos de mais de 30 anos, que o médium não podia conhecer, atento mesmo a sua banalidade. *Singelos* e *Aves Implumes* são títulos de dois pequenos volumes de versos publicados em começos do século. *Carlota* é o nome da esposa do poeta cego, também cegada de uma vista, por acidente, depois de casada. (Nota de M. Quintão).



21 DEPOIMENTO DE R. MAGALHÃES JÚNIOR *

De sua excelente entrevista concedida ao jornal "A Noite" de 14 de agosto de 1944, destacamos apenas o seguinte trecho, para nossos estudos:

"Quem leia durante sessenta dias, noite e dia, dia e noite, apenas Euclides da Cunha, escreverá no estilo de Euclides sem notável esforço, sem fazer uma ginástica mental muito dura. A mesma coisa acontece com quem leia Machado de Assis, com quem leia Castro Alves. Quanto mais pessoal for o escritor, tanto mais facilmente ele poderá ser imitado. Mas a imitação exige, sem dúvida, qualidades de inteligência, um bom fundo de cultura, lógica na escolha dos assuntos e na exposição das idéias, em suma, uma certa consciência dos valores literários — e digo isto falando apenas na imitação intencional, que se argúi contra o Sr. Francisco Cândido Xavier, aliás Chico Xavier. E por essas mesmas razões declaro que, se Chico Xavier é um embusteiro, é um embusteiro de talento. Para um homem que fez apenas o curso primário, sua riqueza vocabular é surpreendente. Sua facilidade de imitar seria um dom excepcionalíssimo, porque ele não imita apenas Humberto de Campos, mas Antero de Quental, Alphonsus de Guimaraens, Artur Azevedo, Antônio Nobre, etc.

Foram precisamente as quadrinhas atribuídas a Antônio Nobre que mais interessaram à minha curiosidade, no volume que me mandou a Federação Espírita Brasileira. Algumas são simplesmente passáveis, mas outras trazem uma forte marca de identificação, parecendo mesmo sopradas ao ouvido de Chico Xavier pelo Espírito de Anto. Quem conhece a obra do poeta do "Só", não

(*) "A Noite", Rio, 14-8-44. R. Magalhães Júnior, da Academia Brasileira de Letras.